

Territórios em Movimento: as migrações como resistência entre comunidades

Vazanteiras do Médio São Francisco frente ao agronegócio¹

MARIA CECÍLIA CORDEIRO PIRES²
PPGDS-UNIMONTES/MINAS GERAIS-BRASIL

Palavras-chave: Mobilidades; Sistemas; Povos Quilombolas e Vazanteiros.

Resumo: O que significa lutar pela permanência no território quando a sobrevivência exige a partida? Este texto resgata uma discussão clássica, pautada em estudos como os de Woortmann (1990), mas ainda extremamente atual: as migrações internas como estratégia de resistência. Demonstra-se como as mobilidades se tornam costume vital para as Comunidades Tradicionais, um sistema intergeracional em que alguns indivíduos partem para prover recursos e garantir que outros permaneçam no território. Circuitos de ajuda e conexões são criados entre lugares distantes geograficamente, mas intrinsecamente ligados. Este trabalho apresenta resultados de tese de doutorado, que teve como objetivo compreender as dinâmicas e os sentidos do Sistema Vazanteiro e seus movimentos e mobilidades. Bem como, discussões realizadas pelo Grupo OPARÁ-MUTUM, através do projeto “Dinâmicas territoriais em terras tradicionalmente ocupadas no Brasil e em Portugal” (APQ04978-24). Vazanteiro é uma categoria étnica acionada por representar o modo de vida de comunidades que vivem nas beiras e ilhas do Rio São Francisco, que além das plantações nas terras altas nos meses de chuva, plantam nas vazantes deixadas pelo rio, nos tempos de seca. O modo de vida representa sua fluidez e movimento, mas para além do território tradicional, esses sujeitos tiveram que “*tentar a vida lá fora*”. A análise partiu do modo de vida e das mobilidades que ocorrem conforme os tempos do rio, suas cheias e vazantes. Também foram analisados os movimentos de migrações para o trabalho, que destinam “*idades grandes*” e fazendas de café. A pesquisa etnográfica ocorreu no Médio São Francisco, nas comunidades: Quilombo de Praia, Quilombo da Lapinha, Comunidade Pau Preto (Matias Cardoso-MG) e Ilha de Pau de Léguas (Manga-MG). Tais comunidades foram afetadas pelas expropriações de suas terras tradicionais, por grandes fazendeiros e por megaempreendimentos agropecuários, como o Projeto Jaíba, maior projeto de fruticultura irrigada da América Latina, situado entre os rios São Francisco e Verde Grande, nos municípios de Jaíba e Matias Cardoso. Devido à sua magnitude, o projeto alterou profundamente as dinâmicas locais, especialmente entre os anos 1990 e início dos anos 2000, quando sua ampliação exigiu contrapartidas ambientais mediante a criação de Unidades de Proteção Integral (UPI), que se sobrepujaram aos territórios vazanteiros. A pesquisa revelou os sentidos das migrações e como elas atravessam gerações em contextos de Comunidades Tradicionais que, embora lutem pela manutenção do território, necessitam sair para a reprodução da vida. Essas mobilidades estão profundamente ligadas ao modo de vida e, mesmo os movimentos que os levam a “*sair para fora*”, não desarticulam, mas atualizam o sistema, sendo formas de resistência.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. Bacharel em Ciências Sociais. Pesquisadora no OPARÁ-MUTUM, NIISA e Rede Nova Cartografia Social.

Introdução

As circulações de pessoas e objetos foram temas recorrentes em estudos etnográficos, como nos clássicos estudos de Malinowski (1976), Evans-Pritchard (1999) e Mauss (2003). As mobilidades humanas despontam sobre assuntos emergenciais na atualidade, de situações de refúgio, de controles de fronteiras, deslocamentos compulsórios, entre outros. No Brasil, desenvolveu-se não apenas uma trajetória de estudos sobre migrações internacionais, mas, sobretudo, sobre as mobilidades internas, especialmente entre grupos camponeses, cujos deslocamentos se ligam ao histórico da questão territorial de concentração fundiária imposta no país.

Os chamados estudos migratórios no Brasil indicavam, a partir da década de 1930, o contexto das restrições à imigração no país. Até os anos 1980, a maioria dos recortes visavam entender o fenômeno contemporâneo das migrações de áreas rurais para urbanas e industrializadas. As principais referências nesse período foram pesquisas fundamentadas na abordagem histórico-estrutural, os quais, embora superassem a ótica neoclássica – que via a migração como uma escolha meramente individual, racional e voluntária –, ainda se baseavam em um paradigma centrado em fatores de expulsão e atração. Segundo essa perspectiva, as migrações resultam do deslocamento de sujeitos de localidades “atrasadas” para regiões em ascensão e desenvolvidas. “Tais estudos tendiam a enfatizar o caráter definitivo das migrações rurais-urbanas ou entre as regiões Nordeste e Sudeste” (Menezes, 2012, p. 22).

Em paralelo, entre os anos de 1970 e 1980, observa-se um movimento nos estudos, que questiona o caráter definitivo das migrações rural-urbanas, defendendo que elas ocorriam como forma de reprodução da vida de camponeses, como tratado por Garcia Junior (1990) e Woortmann (1990b). Ainda assim, a maioria dessas abordagens possuíam uma predominância de enfoque sobre os fatores econômicos.

Atualmente, as formas de mobilidades modificaram em determinados aspectos, como origens, destinos, duração e grupos que migram, além de se apresentarem de maneira cada vez mais múltiplas. Essas características exigem uma revisão das perspectivas teóricas, assim como das tipologias gerais que rotulavam, de tipologias e categorias fixas (Menezes, 2012), como as ideias de origem e destino, migrações definitivas e de retorno.

Diante de tamanha diversidade, e buscando não naturalizar os interlocutores como sujeitos fixados, tivemos uma virada nos estudos: os pesquisadores passaram a se dedicar à compreensão da complexidade desses processos e as questões envolvidas. Dentre esses

autores destaca-se Flores (2010, p. 07), que entende que “a migração se tornou um fenômeno de mobilidade”. Não se refere mais a um deslocamento de origem para destino, mas de grupos que também são “capazes de circular, de percorrer espaços e de se apropriar deles, “produzindo territórios”, participando da criação de riquezas e de novas identidades sociais” (Flores, 2010, p. 07). Nesse sentido, temos encurtamentos de distâncias – não sob uma perspectiva geográfica, mas das relações entre diferentes lugares.

Esses pontos conduzem as pesquisas a uma compreensão da complexidade dos movimentos, rompendo com as naturalizações das ideias de imobilidade ou com discursos que atribuem pesares às mobilidades. Trata-se de entender o que se constrói e o que os interlocutores falam sobre essas vivências.

Este trabalho apresenta resultados de tese de doutorado, que teve como objetivo compreender as dinâmicas e os sentidos do Sistema Vazanteiro e seus movimentos e mobilidades. Bem como, discussões realizadas pelo Grupo OPARÁ-MUTUM, através do projeto “Dinâmicas territoriais em terras tradicionalmente ocupadas no Brasil e em Portugal” (APQ04978-24).

Vazanteiro é uma categoria étnica acionada por representar o modo de vida de comunidades que vivem nas beiras e ilhas do Rio São Francisco, que além das plantações nas terras altas nos meses de chuva, plantam nas vazantes deixadas pelo rio, nos tempos de seca. O modo de vida representa sua fluidez e movimento, mas para além do território tradicional, esses sujeitos tiveram que “*tentar a vida lá fora*”.

O Norte de Minas e o Sistema Vazanteiro

O Norte de Minas, segundo a regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma mesorregião que compreende 89 municípios distribuídos em sete Microrregiões: Bocaiúva, Montes Claros, Janaúba, Januária, Salinas, Grão Mogol e Pirapora. Essa é uma definição sub-regional e datada, mas, regressando à sua trajetória histórica, é possível compreender os modos de vida e relações das comunidades que aqui se localizam, possuindo uma diversidade de identidades que se expressam ambientalmente e culturalmente.

A constituição do Norte de Minas foi baseada nas grandes fazendas de gado, nos currais de boi, que revelam a relação com o Nordeste brasileiro, já que as fazendas “seguiram as margens do Rio São Francisco e alcançaram o Norte de Minas, trazendo a

pecuária extensiva e a marcha dos latifúndios que se tornaram características da ocupação e estruturação regional (Paula, 2009, p. 65).

O processo de formação histórica da região do Norte de Minas vai refletir no contexto atual, nos modos de vida e desafios encontrados nas comunidades rurais locais. Costa (2005) afirma que no imbricamento dos processos civilizatórios ao longo da trajetória histórica regional, as características de cada agrupamento humano que aqui se fixou, os indígenas; negros; paulistas; nordestinos, “contribuíram para dar à essa sociedade e à sua cultura a sua singularidade que a faz única no conjunto das sociedades que compõem a humanidade” (Costa, 2005, p.28).

Apoiado na relação de distintos povos, o Norte de Minas se formou. A partir dos estudos etnográficos realizados na região³ e a mobilização de povos tradicionais, atualmente temos com base no critério da autoatribuição, o acionamento de diferentes identidades, como: Vazanteiros; Veredeiros; Apanhadores de Flores; Vacarianos; Caatingueiros; Quilombolas; Indígenas e Geraizeiros⁴, identidades que também podem ser múltiplas, como é o caso de algumas comunidades Vazanteiras que se reconhecem juntamente enquanto Quilombolas e Pesqueiras.

Essas identidades acionam traços diacríticos em situações de interação, o que foi revelado em minha dissertação de mestrado no relato do interlocutor Geraldo, da comunidade caatingueira do Touro, que afirmava: “*os de lá chamava os daqui de caatingueiro e os daqui chamava os de lá de geraizeiro*” (Pires, 2019, p. 71). Indicando a diferenciação construída nos momentos de convivência, que apontava as particularidades de modos de vida e trabalho entre caatingueiros e geraizeiros.

Esses povos, dentro do contexto das múltiplas identidades acionadas, ao longo dos anos mantiveram suas relações e estratégias de defesa, o que levou Costa (1999) a afirmar a existência de um grande território negro na região Norte de Minas: o campo negro do Jahyba⁵. Em sua dissertação sobre Brejo dos Crioulos – quilombo situado nos municípios de São João da Ponte, Varzelândia e Verdelândia –, Costa realizou um trabalho precursor na visibilização das comunidades negras rurais Norte Mineiras. Partiu do conceito de

³ Dentre eles podemos citar: Dayrell (1998), Costa (1999), Oliveira (2005), Brito (2006), Costa Filho (2009), Araújo (2009), Nogueira (2009), Paula (2009) e Anaya (2012).

⁴ Esses oito povos, atualmente, se organizam politicamente e são representados pela Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais, formada por volta de 2011, onde passaram a construir estratégias conjuntas de luta pelo reconhecimento social e cultural, direcionadas principalmente aos direitos e cuidado com os territórios onde vivem. Disponível em: <https://museuvivodospovosmg.com.br/sobre-o-museu-vivo/>. Acesso em: 10 de maio de 2014.

⁵ Jahyba com Y, foi utilizada por Costa (1999), com base na sua tradução do tupi-guarani para diferenciar e representar as águas insalubres daquela época, propícias à malária.

“campo negro”, desenvolvido por Gomes (1996), para indicar a formação de uma complexa rede social composta por negros aquilombados e pela sociedade envolvente. Construído lentamente, se tornava palco de lutas e solidariedade entre os diversos personagens que vivenciaram os mundos da escravidão (Costa, 1999, p. 12).

Esse campo negro no Norte de Minas, foi constituído por um conjunto de grupos negros localizados em margens de lagoas, ribeirões e rios que formam a bacia do Rio Verde Grande. A “Mata da Jaíba” indicava, no período colonial, um lugar de difícil acesso. A grafia “Jahyba”, com y, de origem tupi-guarani, significa água/rio ruim, sujo. É utilizada pelo antropólogo para destacar o caráter insalubre da região à época, que favorecia a infestação de insetos transmissores de doenças como a malária, inviabilizando seu povoamento.

Entretanto, a região foi apropriada para a ocupação por negros que se aquilombaram em seu interior. Os interlocutores de Costa (1999), indicaram que os negros eram resistentes à malária, ao contrário dos brancos. Foi um tempo caracterizado como de liberdade dentro do território. Indicavam vínculos entre diferentes comunidades negras desde o século XIX. “As localidades aí existentes não constituíam um mundo social fechado e intransponível, abriam-se para relações umas com as outras, mas também com populações situadas nos Gerais e encostas da Serra Geral” (Costa, 1999, p. 19).

Pesquisadores como Costa (1999) e Costa Filho (2009), apontam que o refúgio que esses grupos mantinham foi findado com o avanço da sociedade branca sobre a região, por volta das décadas de 1930 e 1940, devido à construção da Estrada de Ferro Central do Brasil e do combate às arboviroses pelo Governo Federal. Esses processos provocaram rupturas nos modos de vida e expropriações, caracterizadas por diversos grupos étnicos Norte Mineiros como “*encurralamentos*”⁶, categoria nativa que representa o acercamento dos territórios por diferentes conflitos.

Compreendendo a existência e o histórico desse grande, interligado e complexo Campo Negro do Jahyba, pudemos assimilar o que esse território representou para os Vazanteiros do Médio São Francisco. Dentre os estudos desses grupos na região, tivemos como primeiros trabalhos, as pesquisas de Oliveira (2005), Araújo (2009) e Anaya (2012). Oliveira (2005) apontou para a presença de normas e condutas sociais dos

⁶ Encurralamentos e encurralados, são categorias êmicas utilizadas por “diversos grupos étnicos Norte Mineiros”, politizadas em um “processo de mobilização social, construção identitária e articulação de lutas territoriais no início dos anos 1990” (Anaya, 2012, p. 18). Categorias essas, que foram sendo ressignificadas no transcorrer das lutas.

Vazanteiros em relação à incorporação de pessoas “de fora” ao grupo: existia um “sistema de direitos combinados”, de relações abertas ao chegante. A abertura aos chegantes é uma das características primordiais dos Vazanteiros e segue os fluxos do Rio São Francisco.

Nesta pesquisa, que teve como foco os povos Vazanteiros, ressalto o processo de formação dessas comunidades, em que o “Rio São Francisco funcionou como uma via migrante, levando esperança de vida” (Paula, 2009, p.109). Essa esperança era ansiada devido as dificuldades que encontravam, dos períodos de secas, mas também das políticas que não oportunizavam uma convivência possível dentro dessa realidade. “As migrações ocorriam através do rio e da chamada “estrada baiana” que fazia a comunicação por terra entre Bahia, Pernambuco e Minas Gerais [...] A fuga da seca, da falta de terras e trabalho em sua própria região foram determinantes para as migrações pelo rio” (Paula, 2009, p.110).

A maioria, camponeses e camponesas que não tinha propriedade de terras, encaravam uma travessia incerta e em barcos a vapor percorriam por longos dias pelo Rio São Francisco, buscando o mínimo para manterem suas existências. Muitos ansiavam ainda seguir para São Paulo em transporte ferroviário, mas devido à longa duração da viagem, privação financeira e condições da travessia, ocorreram modificações desses planos, fazendo com que fixassem morada em cidades ribeirinhas do Norte de Minas. “A expressão “baianos cansados” ficou conhecida na região para designar de forma irônica os homens e mulheres oriundos principalmente da Bahia que tinham como destino São Paulo, mas que ficaram em terras mineiras” (Paula, 2009, p.110).

Esse histórico foi evidente e evidenciado na pesquisa de campo, onde aparece a chegada de nordestinos de diferentes estados, que vindos pelo Rio São Francisco e aceitando o sistema do lugar (Woortmann, 1990a) tonaram-se integrados como nativos. Histórias como dos irmãos Manoel e Luiza do Quilombo de Praia e Zé Alagoano de Pau Preto. Manoel tinha três anos de idade e Luiza seis anos, quando a família decidiu pegar um barco a vapor em Pernambuco, no ano de 1958, a caminho do Norte de Minas, no município de Matias Cardoso, segundo eles motivados pela “*falta de chuva e fome*” e pela notícia de um primo que foi anteriormente, dizendo que havia disponibilidade de terras para plantar.

Já Seu Zé Alagoano é mineiro de nascença e o apelido foi uma herança do seu pai, ele sim era alagoano e veio para o Norte de Minas por volta de 1948, junto com a esposa que era baiana, já que lá estava muito difícil de manter a vida, ele veio “*correndo da fome*” e foi nas margens do Velho Chico em Minas, plantando na vazante que conseguiu

“o de comer”. Seu Zé nunca conheceu Alagoas, mas filho de nordestinos, construiu sua identidade nesse lugar, reconhecendo a importância do Velho Chico que lhe possibilitou a vida.

“Então foi assim, nós aqui fomos muito bem aceitos sabe? Que é um povo muito trabalhador, nossa!” (Luiza, vazanteira/quilombola do Quilombo de Praia, Matias Cardoso). Essa aceitação os tornou, então, parte do lugar. Considerando que muitos dos que hoje são adultos chegaram ainda crianças, viveram a maior parte da infância no Norte de Minas, cresceram ali e, se casaram com nativos. Mas essa aceitação também passa pelo modo de vida que era semelhante, visto que havia um *ethos* camponês e vazanteiro, pois os chegantes aceitos, eram sujeitos que já praticavam a agricultura de vazantes, eram pescadores e pequenos camponeses que desempenhavam uma agricultura não patronal.

Ou seja, já partilhavam de um sistema de crenças, valores, trabalho e cultura, muito próximo ao encontrado nas comunidades Norte Mineiras. Havia, dentro das diferenças que restavam, a necessidade do consentimento as regras estabelecidas, com base em critérios internos de pertencimento e exclusão. A mobilidade do território vazanteiro possibilitou a construção de um sistema de “direitos combinados”.

Aceitar o “chegante” consiste numa abertura para aqueles que aderem ao modo de vida e regras sociais vazanteiras, um sistema de direitos de uso consuetudinários, baseado na solidariedade e no trabalho. Dito isso, há uma lógica de apropriação desse território e seus ambientes, terra-firme, rio, lagoas, que é contrário ao da propriedade privada, a terra é percebida como terra para trabalho e coletiva, não para comercialização e individual, como visualizamos claramente nos diálogos com os interlocutores.

Dentro desse sistema vazanteiro, da relação com a terra para trabalho, temos outras especificidades, desses sujeitos vivendo nas margens e ilhas. Apresentando as comunidades Vazanteiras desta pesquisa, partimos do Rio São Francisco como símbolo do modo de vida e das relações de ribeirinhos. Além de ser um dos mais importantes cursos de água do Brasil e da América do Sul, que passa por cinco estados e 521 municípios, atravessando por Minas Gerais e Bahia⁷, representa para as populações locais algo mais, é um ente da família, que dá o alimento, mas também o tira, que possui seu próprio domínio, que tem seus encantados.

⁷Informações disponíveis na biblioteca do IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=446973&view=detalhes>. Acesso em: 14 de junho de 2023.

Seu Benedito (vazanteiro/quilombola do Quilombo de Praia, Matias Cardoso, julho de 2023) conta que quando chegava alguém diferente, próximo das lagoas do São Francisco, a água “*começava a ferver*”, era o Compadre D`Água, ser encantado que cuida do rio e por isso, precisam pedir licença para utilizar, e que gosta quando ofertam pinga e fumo.

Trato aqui de comunidades ribeirinhas, mas Seu Natalino (vazanteiro da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga) faz uma ressalva. “*Ribeirinho é quem tá na beira do rio, a cidade (Matias Cardoso) aqui é ribeirinha, tá na beira do rio. Agora, o vazanteiro é diferente, ele usufrui da terra da vazante, do lameiro e da terra-firme*”. Vazanteiro é uma demarcação identitária, embasada em uma questão política de reconhecimento.

Esse estudo sobre movimentos, mas também em movimento, moveu-se entre as comunidades de Praia, Pau Preto, Lapinha e Pau de Légua, e assim compreendeu que “*o vazanteiro é diferente*”, tem a sua produção alimentar que envolve além do extrativismo, criação de animais e a pesca, a cultura da vazante, do lameiro e da terra-firme. “*A parte de lameiro é aquela que fica o barro que o rio deixa. Aí tem a vazante, que é uma parte de terra que o barro não vai, ela decanta antes de chegar lá [...] e aí temos a terra-firme lá no alto*”.

Seguem o ciclo do rio, da seca, da cheia e da vazante e por isso, Seu Natalino diz que são felizes: “*eu planto na época da chuva, aí o sol vem e mata, cá embaixo eu planto, o rio vem e mata, a vazante e o lameiro, o rio vem e mata. Então nós somos felizes, porque aqui no lameiro eu plantei e morreu? A vazante morreu? Terra-firme ficou*”.

Essa denominação, assim como outras, estão extremamente ligadas as condições ambientais que esses povos vivem e convivem. Aqueles que moram nas margens ou nas ilhas do Rio São Francisco, que praticam a pesca artesanal e a agricultura de vazante, se auto identificam:

*Nós somos tudo isso, uma pessoa só, pode viver do extrativismo, ele é pescador, ele é vazanteiro, é caatingueiro [...] Se eu sou vazanteiro, eu sou também quilombola, eu planto nas vazantes e me reconheço como os dois, porque eu sou remanescente quilombola, mas também sou pescador, também sou vazanteiro*⁸. (Genival, 56 anos, vazanteiro/quilombola, morador do Quilombo de Praia, Matias Cardoso, 2019)

⁸ Trecho de entrevista de Genival, Quilombo de Praia, Matias Cardoso – MG, publicada em: Boletim Informativo: Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central – Articulação Vazanteiros em Movimento (2019, p.3). Realização OPARÁ-MUTUM e NIISA.

Através dos relatos de vazanteiros na pesquisa de campo compreendemos que a categoria vazanteiro foi escolhida por agrupar todas essas outras e por ser uma maneira de se diferenciarem pela forma de apropriação do território. Dentre as quatro comunidades dessa pesquisa, todas se identificam enquanto vazanteiras, e duas acionam também a identidade quilombola. Possuem grande grau de parentesco e o vínculo entre diferentes origens, como as dos nordestinos e de outras comunidades negras do Norte de Minas, integrantes do campo negro do Jahyba.

Essa diferenciação de identidades tem relação aos processos de mobilização política que cada comunidade empenhou. Mas é importante afirmar as características intrínsecas a elas, questões que se repetem, de comunidades tradicionais, negras e que realizam a agricultura de vazante e em terra-firme, e desenvolveram uma cosmovisão com maneiras de habitar o território. Uma identidade fluida, que flui com o Rio São Francisco.

O movimentar é inerente ao modo de vida Vazanteiro, o Vazanteiro move sobre seu território, enquanto seu território também se movimenta, se modifica em cada estação. Oliveira (2005) fala sobre o “costume da andança” como característica Vazanteira, uma mobilidade com o rio e seus territórios, movimentos necessários para cada período, já que a própria agricultura segue um calendário fluído com o rio, se confluindo com ele. Esse território maior que inclui terra-firme, ilhas, rio, lagoas, vazantes é um território móvel, remodelado a cada cheia (Oliveira, 2005, p.17).

Seu Natalino (vazanteiro da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga) explica que o que os diferenciam enquanto Vazanteiros, tem relação com o rio e seus ambientes, os quais habitam. “*Temos aí três categorias na terra [...] são três linhas de terras*”: terra-firme, lameiro e vazante. A terra-firme são as terras no alto, onde realizam a agricultura de sequeiro, no solo firme, plantam roças de gênero alimentícios durante o período chuvoso, onde além das plantações, existe a criação de animais de pequeno porte.

O lameiro é uma faixa de terra próxima ao rio, que fica com o barro deixado depois da enchente. Já a vazante “*é uma parte de terra que o barro não vai [...] então ela vai até aqui. Aqui ela tem uma corrida, aqui ela já começa a parar. Aí que nós temos uma vazante, ela vaza, não fica nada lá. Ela traz tudo, não deixa substância nenhuma. Essa daqui lameiro, fica uma vitamina boa que a água traz*” (Seu Natalino, vazanteiro da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga). Assim dizendo, existe a agricultura de sequeiro, no seco e a agricultura de vazante, nas águas, áreas de maior umidade.

Observando o sistema de trabalho Vazanteiro, compreendemos que além das perspectivas de “*tempo das chuvas/águas*” e “*tempo das secas*”, há uma relação com o

ciclo natural do rio, que passa pela seca, enchente, cheia e vazante, quando começa a baixar e repetir o ciclo. Um “*círculo de movimentação*” como disse Seu Natalino:

Um círculo de movimentação que eu faço. O que eu planto no lameiro, o lameiro produziu aí. No período chuvoso, eu tiro do lameiro, levo eu aquele banco de sementes. Tem o banco de semente natural. Eu planto aqui [terra firme], entendeu? Ela aqui não deixa a outra lá perder lá. Tá perecendo, mas eu tô levando aqui já novamente pra lá. Mas de onde que veio? A que estava aqui? Vem de lá pra cá, a gente fica fazendo um manejo, né? Um círculo daqui pra lá e de lá pra cá, direto o tempo todinho. (Seu Natalino, vazanteiro, morador da Comunidade Ilha de Pau de Légua, Manga, outubro de 2022)

Vivem “*um círculo daqui pra lá e de lá pra cá*”, esse círculo possibilitou a esses sujeitos a disponibilidade de terras fertilizadas por matéria orgânica em diferentes tempos. Ou seja, vão circulando da terra-firme para o lameiro, do lameiro para a vazante e de volta para terra-firme e esse círculo perpassa também outros ambientes e funções, como lagoas, o extrativismo, a criação de pequenos animais e outros.

O São Francisco é o “*rio grande*”, os braços menores são os “*rios pequenos*”, existem as ilhas ao longo do rio, e as lagoas que se formam após as cheias. A agricultura de vazante acontece nas margens do rio e lagoas. A pesca é um importante elemento identitário. Cada Comunidade Vazanteira vai possuir especificidades de suas relações com esses ambientes, em algumas, como a comunidade Vereda do Quilombo de Praia, realizam majoritariamente as plantações nas lagoas, assim como a pesca; outras ficaram confinadas nas ilhas, como Pau de Légua. Todavia, salientando que essas relações foram afetadas externamente, a partir das dinâmicas fundiárias impostas.

Há nessas comunidades um grande respeito para com o rio e toda natureza, longe de uma visão dicotômica, existe uma relação recíproca entre vazanteiros, rio, matas, seres encantados, afastados de uma separação abrupta entre cultura e natureza, humanos e não humanos.

Dentro desse modo de vida, existe o estabelecimento de normas que vem das crenças e costumes. Por isso, Seu Benedito (vazanteiro/quilombola do Quilombo de Praia, Matias Cardoso) falava, que na natureza tudo tem seu domínio, que os encantados são os comandantes das águas e das matas. “*A natureza é igual o que nós temos aqui. Por exemplo, na terra, lá dentro da água, também tem os comandantes, os comandantes na água que é dono de tudo, nas matas também tem o caipora*”.

Os encantados são os seres que ditam as regras que precisam seguir, nas águas tem o Compadre D'Água, também chamado de Caboclo, uma espécie de homem pequeno, descrito com uma diferenciação, um preto e mais tranquilo, por vezes brincalhão, já o vermelho, com grandes dentes, traiçoeiro e mais perigoso. Tem dias em

que não se devem pescar, como durante a Semana Santa, celebração católica, a desobediência pode levar a ter o barco virado. É preciso pedir licença, principalmente para quem é de fora e agradar o Compadre com fumo e pinga.

Nas matas, há o Caipora, que vigia para que não ataquem as árvores nem derrubem espécies importantes. Seu Benedito conta que *“ele é no sistema de um homem, ele é o comandante, dono das matas. Então, tem sempre nas matas. O povo sempre fala que dia de quarta e sexta-feira não é dia de a gente estar mexendo no mato. Não é muito bom não!”*. Compreendi que esses encantados, comandam os manejos desses Vazanteiros, para que a natureza não seja atingida negativamente.

Mas assim como os Vazanteiros se movimentam, os seres encantados também. Os encantados acabam também migrando, devido ao avanço do capitalismo, do agronegócio, dos *encurralamentos*.

O Caboclo D'Água meteu foi o pé, acho que nem ele não ficou aqui, ele não está satisfeito. Não está satisfeito com isso não, porque ele é um encanto, né? Então, do jeito que tá destruindo o Rio São Francisco, ele deu foi no pé também. Mas não sei, vai que não foi embora. Ele deve tá aí, ele é o protetor do rio. (Regina, vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)

A fuga dos encantos revela mudanças externas. Esse relacionamento, harmonioso com o rio e seus ambientes, foi invadido por novos tempos. Em Oliveira (2005) temos o tempo do “enxame de gente”, quando agregados foram expulsos das fazendas ou posseiros tiveram suas terras griladas e foram morar nas ilhas. Em Araújo (2009) denominado como “tempo dos coronéis”. Nas nossas conversas, os relatos indicaram a chegada do tempo do *“poder das balas e das cercas”*.

As balas e as cercas

O Sistema Vazanteiro sofreu interferências e passou a conviver com diferentes conflitos, sendo *encurralado* por um processo suscitado pela modernização do campo e tudo o que a acompanhou. Isso não significa que, nos tempos antigos, não houvesse conflitos internos, mas eram enfrentamentos que não impediam o modo de vida e a existência plena. Entraram em um tempo em que *“quem tinha o poder das balas e coragem, conseguia as terras”* (Gilberto, vazanteiro/quilombola do Quilombo de Praia, Matias Cardoso), pois aqueles que detinham o domínio da violência e poder, possuíam também o acesso às terras, na possibilidade de cercá-las ou documentá-las. Foram ficando “encurralados”, sendo expulsos ou vivendo em territórios sobrepostos, cada vez mais estreitados.

O primeiro momento desse processo de encurralamento, se deu com a expropriação das terras tradicionalmente ocupadas por grandes fazendeiros, devido a grilagens de terras⁹; além de uma intensificação a partir de 1960, durante os incentivos a modernização do campo, que representou estímulos e financiamentos a grandes empreendimentos agropecuários, sobre o pretexto de desenvolvimento da região. Um grande exemplo foi a implementação do Projeto de Fruticultura Irrigada Jaíba, durante a Ditadura Militar. Maior projeto irrigado da América Latina, instalado entre os rios São Francisco e Verde Grande, nos municípios de Jaíba e Matias Cardoso. Que devido sua grande magnitude, influenciou nas dinâmicas locais, ambientais e sociais.

Agravando a situação, ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, para viabilizar a sua ampliação, foi exigida uma contrapartida ambiental através da criação de Unidades de Proteção Integral (UPI). Assim houve uma sobreposição aos territórios tradicionais Vazanteiros. Hoje é possível visualizar no entorno e sobrepostos aos seus territórios, grandes fazendas de gado, o perímetro de irrigação do Projeto Jaíba, terrenos marginais da União e Unidades de Conservação, como o Parque Estadual Verde Grande (1998); Parque Estadual Lagoa do Cajueiro (1998) e Parque Estadual da Mata Seca (2000)¹⁰.

Os processos de conflitos se tornaram diversos e densos, desde expropriações territoriais, explorações do trabalho, a fiscalizações injustas por órgãos ambientais, que perpetuam racismos. Foram decorrentes do aval e das ações de instituições públicas, como a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e seus incentivos para a modernização do campo; e a Fundação Rural Mineira - Colonização e Desenvolvimento Agrário (Ruralminas) e o processo de regularização fundiária, que dentre as ações fez a concessão de terras consideradas devolutas, mas que eram espaços de uso comum ou solta de animais, para grandes empresas rurais.

Nesse sentido, essas instituições tiveram papel de braços institucionais, em âmbito federal e estadual, provocando a “concentração e a grilagem de terra nas mãos de grandes latifundiários da região, responsáveis diretos pela degradação ambiental das matas e rios, em consequência aos grandes projetos implementados” (Anaya, 2012, p.79).

⁹ Grilagem é um termo para indicar a falsificação de documentos para conseguir a posse de terras. A história conta que sujeitos deixavam documentos falsificados em gavetas fechadas com grilos, para que os papeis ficassem com aspecto envelhecido.

¹⁰ O Parque Estadual Verde Grande; Parque Estadual Lagoa do Cajueiro ficam localizados em Matias Cardoso, afetando os territórios de Praia, Pau Preto e Lapinha respectivamente. O Parque Estadual da Mata Seca fica no município de Manga, afetando o território da Comunidade Ilha de Pau de Légua.

Essa realidade demonstra o modelo vigente, onde temos o comando e incentivo de agências multilaterais ou comunidades epistêmicas, como caracterizado por Gellert e Lynch (2003), que são forças poderosas de acumulação do capital, interesses estatais e ideologia modernizadora, apoiando a proliferação de megaprojetos. O fator econômico é de fato o central, homogeneizando tudo. Implementam um projeto de grandes proporções, que possui uma visão de natureza enquanto mercadoria, as mitigações aparentam sempre ter uma contrapartida monetária.

Modificaram o modo de vida Vazanteiro e sua relação com o Rio São Francisco, impedindo a reprodução plena da vida. E até mesmo, a criação de Unidades de Conservação, realizadas de forma hegemônica, acabaram por preservar, não o meio ambiente, mas a ampliação do megaempreendimento, impondo uma ideia de vazio demográfico, em áreas que só eram preservadas justamente porque existia a vida e o manejo das comunidades tradicionais que ali já estavam.

Ficando confinados a pequenas porções de terras, esses Vazanteiros convivem com excessivas tensões sobre seus territórios. As famílias foram crescendo e tiveram que buscar novas maneiras para resistir, articulando como no movimento social e político chamado de “Vazanteiros em Movimento”, realizando retomadas do território ancestral e em muitos casos, através das migrações para o trabalho. Nesse contexto, constituíram diferentes formas criativas de resistência.

Territórios em Movimento: as migrações como resistência

As dinâmicas que invadiram o modo de vida tradicional Vazanteiro, fizeram com que esses sujeitos precisassem ir para além dos territórios. Diferentes comunidades se uniram para reivindicar suas identidades e demonstrar o quanto suas práticas contribuía para a sustentabilidade ambiental. Dentro dessa união e luta política, temos a Articulação Vazanteiros em Movimento¹¹, que é um movimento social e político de articulação de comunidades Vazanteiras, buscando o reconhecimento identitário, cultural e empenho das lutas territoriais.

As estratégias são diversas, como protestos; intercâmbios entre comunidades; deslocamentos para debates políticos; denúncias de abuso de poder, da mortalidade de peixes, assoreamento das lagoas (entre diversos problemas ambientais resultantes dos

¹¹ Dentro do processo organizativo e coletivo do grupo, atualmente se nomeiam como Articulação Quilombolas e Vazanteiros em Movimento (AQVM).

conflitos impostos) e retomadas de territórios¹², já que há uma grande morosidade na justiça quanto as titulações das terras tradicionalmente ocupadas.

Anaya (2012) realizou um estudo específico sobre as mobilizações e reivindicações territoriais dos vazanteiros, que no primeiro momento se identificavam enquanto “encurralados pelos parques” e posteriormente se apresentaram à sociedade como “Vazanteiros em Movimento”. Esse processo não indica que deixaram de serem encurralados, mas remete ao desenvolvimento de uma luta em que os grupos redefiniram maneiras de agir, de reivindicar e de se relacionar com o Estado.

Praticando o jogo que se joga no campo ambiental. Ou seja, registra-se um primeiro tempo em que os sujeitos se dão conta da condição de atingidos, denunciando o encurralamento e outro momento de ação coletiva em que, acionando mecanismos próprios ao léxico e às formas de agir, correntes no campo ambiental, na interlocução com o Estado frente aos espaços instituídos pelo marco regulatório ambiental, começam a se identificar como “Vazanteiros em Movimento”. (Anaya, 2012, p.21-22)

Dentre as mobilidades para fora, também é muito presente nas comunidades as migrações internas para trabalhos. Os sujeitos se tornam migrantes como resultado do encurralamento dos territórios, pois *“quando você fica encurralado, não tem espaço para o jovem, você não tem como segurar seus filhos dentro da comunidade”* (Zé Alagoano, Vazanteiro de Pau Preto). O fato de alguns migrarem influencia para que seja possível a permanência de outros, que ficaria inviável pelo tamanho do território disponível.

E o caso do pessoal sair daqui e nós fomos migrando, foi porque as áreas das fazendas grandes foram crescendo, e cada pai aqui, a maioria tinha dez, doze, quinze filhos, outros vinte filhos. Então foi aumentando [a população] e nós ficamos com uma área muito pequena, muito restrita. E os filhos não tinham uma expectativa de crescer aqui. Os homens quando começavam a trabalhar iam para a cidade grande. (Gilberto, vazanteiro/quilombola do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)

As migrações destinam principalmente plantações e colheitas de café no Triângulo Mineiro, e idas para Belo Horizonte e São Paulo, onde os homens saem majoritariamente para a construção civil e empresas agrícolas, já as mulheres para trabalhos domésticos, na área de cuidados. *“Quem tem um estudo mais elevado, consegue um emprego melhor, por que nem quem tá lá estudando consegue, mas sempre para o homem é ajudante de pedreiro e para a mulher é faxineira, são esses tipos de emprego”* (Regina,

¹² Como exemplo podemos citar: em 2011, a comunidade de Pau Preto fez a retomada de seu território com a ocupação da Fazenda Catelda. Em 2015, o Quilombo de Praia retoma parte da Fazenda Vila Bella, que tinha sido arrendada pelos Diários Associados de Minas Gerais a um fazendeiro, hoje chamam a localidade de Acampamento Mãe Romana. Em 2023, o Quilombo da Lapinha faz a segunda retomada de parte de suas terras, localizadas na fazenda Casa Grande, espaço que estava sob o domínio do Instituto Estadual de Florestas (IEF).

vazanteira/quilombola, moradora do Quilombo de Praia, Matias Cardoso). Já são muitas gerações nessas condições, como afirma Gilberto:

Hoje não tem terra pra todo mundo habitar aqui! Nós temos famílias em São Paulo, Belo Horizonte, tem em todo lugar tem gente daqui. Tem mais ou menos sessenta, setenta pessoas daqui que está fora, e tudo tem família lá, tem casa lá também, tá tudo alicerçado, mas, a vontade deles é tá aqui, mas realmente não dá, porque se eles forem viver aqui, eles passam necessidade. (Gilberto, vazanteiro/quilombola do Quilombo de Praia, Matias Cardoso)

As ligações entre as comunidades e os lugares de destinos são complexas, formam redes, são circuitos onde circulam pessoas, coisas, comidas, sentidos. Buscando entender o que os sujeitos pensam sobre esses movimentos, essa vivência apareceu de forma fluida, demonstrando a constituição de “famílias espalhadas” por muitos territórios, conectadas por tensos vínculos, onde existe uma administração coletiva de vários espaços (Comerford, 2014a e 2014b).

Migrar não é necessariamente uma ruptura com a situação anterior, pode ser uma estratégia familiar de continuidade, constitutiva da própria existência da família camponesa. Essa é a posição defendida por Woortmann (1990b), que com base em trabalhos de campo realizados em Sergipe, analisa o significado da migração para o campesinato, enfatizando seu papel como prática de reprodução social e sua relação com a hierarquia familiar, pois para ele, camponeses são produtores de alimentos e também de migrantes. “A migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar de fato, pode ser condição de permanência camponesa” (Woortmann, 1990b, p.35).

Convivendo nas comunidades, se tornou recorrente ouvir sobre as comidas que estavam sendo preparadas para enviar para os parentes que estão fora, pessoas circulando para apoiar familiares em momentos de doença, um de “*lá para cá*” constante. Dentre essas histórias, conhecemos no Quilombo de Praia o casal Sulino e Rita, que moraram entre idas e vindas, trinta anos em Patrocínio - MG, onde trabalhavam em uma agroindústria de café, retornando para a comunidade em 2022.

Dona Rita conta que primeiro foi Sulino, que não conseguiu se adaptar e queria voltar, ela então foi a Patrocínio sem avisar, para convencê-lo e assim se estabeleceram. Atualmente, em sociedade com o genro, passou a comercializar café em Matias Cardoso e região, produzido em Patrocínio e enviado por ônibus até chegar no município. De trabalhadores da lavoura, retornam como comerciantes de café. Ou seja, existem os espaços em que as pessoas circulam, mas também a circulação de coisas, em forma de

presentes, ajuda e até comércio, onde o café que antes era lido na lavoura, se tornou fonte de renda com a comercialização no lugar de origem.

Ao falarem sobre as motivações da saída, é percebido três grandes pontos: “*virar homem*”, “*sonhos*” e “*precisão*”. Essa decisão se liga ao momento de vida, faixa etária, estado civil, gênero e outros. No caso dos homens, durante a juventude e estando solteiros, indicam os sonhos ligados a desejos de consumo, crescimento e a necessidade de “*virar homem*”, ou seja, do amadurecimento através do trabalho.

Na fase adulta e principalmente depois do casamento e filhos, a saída vem pela “*precisão*”, pela obrigação de suprir as necessidades básicas da família, como vestuário, alimentação etc. A migração feminina, nesta pesquisa, se destaca predominantemente por motivos de “*precisão*”, uma vez que a maioria das saídas foi realizada por mães. Ainda assim, houve casos ligados aos sonhos.

Uma observação importante a se fazer é que esses motivos para as saídas não se anulam, podendo coexistir. Dentro da ideia de “*precisão*”, temos um reflexo maior para a vida no Quilombo como um todo, principalmente em relação às estratégias adotadas diante do “*encurralamento*” do território e crescimento das famílias.

Sobre a maneira como conseguem os trabalhos, se organizam em três formas principais: “*parente*”, “*vizinho*” ou “*apontador*”. Parente refere-se a qualquer familiar, seja de origem sanguínea ou por relacionamento comunitário, que assim como a noção de vizinhança, envolve pessoas próximas que desempenham a função de indicação do trabalho e oferta de apoio, baseando-se na experiência que adquiriram primeiramente. Apontador designa a pessoa responsável por organizar trabalhadores para realizar um determinado serviço, assim como indivíduo de alguma empresa que arregimenta esses trabalhadores.

Os migrantes vivem um constante “*vai e vem*”, “*pra aqui, pra acolá*”, “*lá e cá*” entre gerações, que resulta na construção de sentidos e novos conhecimentos. As malas que usam no início das viagens carregam mais que roupas – transportam expectativas, combinados, medos, ajudas e os modos de vida que aprenderam nas Comunidades

Para viver nos novos lugares, precisam se “*acostumar*”, adquirir saberes diferentes. A “*correria*” que no começo assusta, torna-se rotina; as ruas desconhecidas, que antes amedrontavam, passam a ser conhecidas. A sensação de timidez, desajustamento, medo e confusão, vão se transformando em confiança e conhecimento.

“*Saber andar*” e “*aprender andar sozinha(o)*” indicam a nova capacidade de circular no espaço desconhecido e de navegar através dos saberes, de como trabalhar,

como se destacar, como ter “*oportunidades*”. Precisam entender o lugar e suas regras para que não sejam engolidos.

Compreendendo a importância dos movimentos para suas vidas, percebemos que falar sobre eles, transforma essas narrativas em conhecimento, capaz de atravessar gerações, modificando e emaranhando os movimentos. É a experiência de um mundo em construção, um contínuo movimento e devir, “tecido a partir das inúmeras linhas vitais dos seus múltiplos componentes humanos e não humanos enquanto costuram seus caminhos através do emaranhado de relações nas quais estão enredados de maneira abrangente” (Ingold, 2012, p. 211).

Pelas oportunidades, aqueles que permaneceram nas comunidades, se tornaram lideranças na luta por direitos, mesmo que a maioria já tenha migrado ao menos por um período. Os que ficam também se movimentam, movimentam-se na articulação das resistências.

Considerações finais

Diferente da comunidade com a qual trabalhei na dissertação (Pires, 2019), onde havia um ciclo definido, coincidindo o calendário de migrações para o café com o período da entressafra de suas plantações, visto que se localizam em uma região de caatinga –, os vazanteiros relatam saídas com durações muito mais longas. “*Até um tempo atrás eu vivi mais em São Paulo do que aqui*” (Genival, vazanteiro/quilombola de Praia).

Mesmo havendo migrações para o café na região do Triângulo Mineiro, majoritariamente, migram para áreas urbanas e regiões metropolitanas de São Paulo e Belo Horizonte. Essa diferenciação se relaciona com o Sistema Vazanteiro, já que no período da seca, eles passam a trabalhar nas vazantes, não existindo um tempo considerado ocioso.

O “*Sistema Vazanteiro*” é dinâmico e fluido. As mobilidades que realizam estão intimamente ligadas a esse modo de vida, onde mesmo os movimentos que os levam a “*sair para fora*”, não desarticulam, mas atualizam o Sistema. É estratégia, como uma necessidade de que alguns saiam para que outros permaneçam. São costumes transmitidos por gerações e, além de responderem à “*precisão*” de prover a família, também representam amadurecimento – um rito de passagem para os jovens, que buscam independência e realização.

Partem com seus saberes tradicionais e ganham outros. Criam-se circuitos de ajudas e combinados entre os lugares. As coisas se movem como recursos enviados e

mercadorias, presentes que vão e que chegam. Distantes geograficamente, com tempos distintos, mas ligados, conectados e em constante “*lá e cá*”. Dentre suas andanças, eles também estão no movimento da luta, revelando a importância e o desejo latente de conseguir as titulações de seus territórios. Tudo isso é sobre “*saber andar*” e “*aprender a andar sozinho*”.

Este estudo apontou para os desafios enfrentados pelas Comunidades, mas, principalmente, para as resistências que se fazem no movimento, na articulação, nos giros de conhecimentos e na atualização do modo de vida, para que ainda permaneça. Narrando sobre suas histórias, nas risadas diante do estranhamento dos costumes dos outros lugares, nas lágrimas provocadas pelas saudades, nas boas e nas difíceis lembranças, me senti compartilhando de sentimentos semelhantes, do estar longe de casa, mas ainda estar lá, de deixar e levar muitas coisas e de construir novas também. O afastamento geográfico não representa separação. Por entre diferentes lugares, seguem trilhando, encurtando distâncias, intrincando seus saberes e costumes, fortificando o território, a identidade e o Sistema Vazanteiro.

REFERÊNCIAS

ANAYA, Felisa Cançado. **De encurralados pelos parques a vazanteiros em movimento:** as reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, Pau de Léguas e Quilombo da Lapinha no campo ambiental. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

ARAÚJO, Elisa Cotta de. **Nas margens do São Francisco:** sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do Quilombo da Lapinha e dos vazanteiros do Pau de Léguas. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social), Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros-MG, 2009.

BRITO, Isabel Cristina Barbosa de. **Comunidade, Território e Complexo Florestal Industrial:** o caso de Vereda Funda. Norte de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, 2006.

COMERFORD, John Cunha. Onde está a “comunidade”? Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o “rural” e o “urbano”. In: **Ruris (Campinas)**, v. 8/2, p. 7-29, 2014a.

COMERFORD, John Cunha. Vigiar e Narrar: sobre formas de observação, narração e julgamentos de movimentações. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, Vol. 57, Nº. 2, p. 107-142, 2014b.

COSTA FILHO, Aderval. **Os Gurutubanos:** territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo do centro norte-mineiro. 293 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

COSTA, João Batista Almeida. **Do tempo da fartura dos crioulos ao tempo da penúria dos morenos**: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos. 210 f, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília: Brasília, 1999.

COSTA, João Batista Almeida. **Mineiro e Baianeiros**: englobamento, exclusão e resistência. 332 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura Natureza e populações Tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. In: **Revista Verde Grande**. Montes Claros: Unimontes /SEMMA vol. 1, n.3, 2005. p. 8-47.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura Natureza e populações Tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. In: **Revista Verde Grande**. Montes Claros: Unimontes /SEMMA vol. 1, n.3, 2005. p. 8-47.

DAYRELL, Carlos Alberto. **Geraizeiros e Biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais**. 1998. 192f. Dissertação (Maestria en Agroecologia y Desarrollo Rural Sostenible) – Huelva: Universidade Internacional de Andalucía, Sede Ibero Americana - La Rábida, 1998.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 1999. 276 p. (Coleção Estudos; 53).

FLORES, Sara María Lara (org.). **Migraciones de trabajo y movilidad territorial**. México: Conacyt e Miguel Ánghel Porrúa, 2010.

GARCIA JUNIOR, Afrânio Raul. **O Sul**: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo, Marco Zero, 1990. (Pensamento Antropológico).

GELLERT, Paul K.; LYNCH, Barbara D.. Mega-projects as displacements. In: **International Social Science Journal**, 55(175), 15-25. 2003.

GOMES, Flávio dos Santos. “Quilombos no Rio de Janeiro no Século XIX”. In: Reis, J.J e Gomes, F.S. (Orgs.). **Liberdade por um fio**. História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras. 1996. Pgs. 263-290.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: RJ Vozes, 2015. (Coleção Antropologia)

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações e Mobilidades: Repensando Teorias, Tipologias e Conceitos. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana (org.). **Migrações**: implicações passadas, presentes e futuras. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. **Gerais a dentro e a fora:** identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Antropologia). Brasília – DF: UNB, 2009.

OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Vazanteiros do Rio São Francisco:** um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerias, Departamento de Sociologia e Antropologia, 2005.

PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **TRAVESSIAS** - Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Geografia) Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2009.

PIRES, Maria Cecília Cordeiro. **“A PRECISÃO FAZ IR LONGE”:** Migração e Desenvolvimento em Comunidade Rural do Sertão Norte Mineiro. 147 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2019.

PIRES, Maria Cecília Cordeiro. **SABER ANDAR, LÁ E CÁ:** VIDAS EM MOVIMENTO NO SISTEMA VAZANTEIRO. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2025.

WOORTMANN, Klass. “Com Parente não se Neguceia. O Campesinato como Ordem Moral”. In: **Anuário Antropológico/87**, Brasília, Ed. UNB, 1990a.

WOORTMANN, Klass. Migração, família e campesinato. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**. jan./jun. 1990b.